

Abertura do Curso de Direitos Humanos

SNDC em 14.11.2008

Na sua simplicidade, este acontecimento é singular e histórico por, pelo menos, três motivos:

O primeiro é o encontro e o reencontro de homens e de mulheres, de cidadãos e de cidadãs comprometidos com a luta pela implementação dos direitos humanos, como referência ética, jurídica e política.

O segundo é a comemoração do 60o. aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 1948 pela ONU, no contexto do pós-segunda guerra mundial, com o seu resultado de milhões de mortos, desaparecidos e mutilados.

E o terceiro é o encerramento do I Curso de Introdução aos Direitos realizado, com duas aulas semanais, de 5 de agosto até hoje, no centro histórico de São Paulo, com a participação de pessoas idosas e de jovens, numa experiência de diálogo intergeracional.

A iniciativa do curso é da ANG-SP, com apoio da ANAPI e do GARMIC.

No curso, os direitos humanos foram analisados nas suas dimensões ética, jurídica e política. O seu objetivo central foi o de superar, por meio da palavra e dos testemunhos concretos, o senso comum a respeito dos direitos fundamentais da pessoa humana e dos povos.

Para a admissão dos participantes, foram adotados os seguintes critérios: destinar as vagas para 60% de idosos e 40% de jovens; convidar professores voluntários; utilizar uma metodologia em que os direitos humanos são apresentados a partir dos fatos humanos; priorizar a experiência da vida e não o viés puramente acadêmico ou escolar para a destinação das vagas; seguir, como referência pedagógica, o axioma de Paulo Freire: "Ninguém educa ninguém; ninguém se educa sozinho; os seres humanos educam-se entre si, com a mediação do mundo".

O ambiente em que se realiza este ato é também muito significativo: o Espaço da Cidadania, instituído pelo então Secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania, Dr. Belisário Santos Jr., no primeiro mandato do governador Mário Covas.

Neste auditório, numa manhã inesquecível, André Franco Montoro fez a sua última palestra, antes de partir para a eternidade. Falou precisamente sobre a cultura dos direitos humanos, sem a qual, destacou, não pode haver uma verdadeira democracia. Do final dos anos 90, até hoje, o Espaço da Cidadania tem sido uma autêntica ágora, em que se colocam, se chocam, divergem e convergem, na construção democrática de consensos, homens e mulheres de todos os segmentos sociais.

Um olhar atento e panorâmico para os cidadãos e para as cidadãs que aqui se encontram, permite que identifiquemos muitas pessoas com uma indelével contribuição à causa da dignidade humana.

Em algumas que mencionarei, quero simbolizar a nossa homenagem a todos e a cada um dos participantes deste ato.

Dona Olga Quiroga, uma chilena-brasileira-latino-americana, nos seus mais de 70 anos, entrega a sua vida à luta pelo acesso à moradia digna para os idosos e idosas de baixa renda em São Paulo.

Exercita a sua militância de forma corajosa e com a mesma constância com que, há mais de 50 anos, um homem inspirado e míope, Mahatma Gandhi, levantou um povo multimilenar e graças à pressão moral libertadora, devolveu a potência colonizadora ao seu devido lugar.

José Messiano, nos seus 83 anos de vida, registra, na memória histórica brasileira, o testemunho de um profissional, que, no seu pequeno salão, cortava cabelos e fazia barbas, enquanto militava clandestinamente pela liberdade e assumia conscientemente as consequências terríveis de sua opção por um mundo sem opressores, nem oprimidos.

Homens como Diego Baeça, que, nos seus 90 anos, atua dia e noite, como se fosse a sua primeira jornada como militante libertário. Juntam-se a ele Maria Sala, no seu empenho vital pelo socialismo com rosto e com jeito de mulher, Adísio – o Gaúcho que percorreu todas as partes do mundo, para conclamar os trabalhadores à necessária união na luta por uma sociedade livre, justa, fraterna e solidária.

Mais recentemente, nessa breve memória, relembro o testemunho de Tito Alencar Lima, Yara Iavelberg, Ana Lobo, Giorgio Callegari, Jaime e Paulo Wright, Margarida Maria Alves, Paulo Fontelles, Luís Eduardo Merlino, Santo Dias, Vladimir Herzog e Manoel Fiel Filho, Carlúcio Castanha e Honestino Guimarães, Aldo Vannucchi e Emanuel Barreto, Zuzu e Stuart Angel, todos eles e elas dedicados a tornar realidade a vitória sobre o arbítrio e a construção da democracia em nosso país...

Participam também deste ato pessoas que dignificam os cargos que ocupam, pela sua coerência e por sua história de vida: uma delas – o Secretário da Justiça, Dr. Luís Antônio Marrey, simboliza a luta dos promotores e dos procuradores de justiça em favor dos direitos humanos e na resistência contra todas as tentativas, ainda presentes, de amordaçar o Ministério Público.

O testemunho dessas pessoas e de muitas instituições não pode nunca ser esquecido. Ele significa uma reserva moral das liberdades individuais e públicas.

A verdadeira democracia é ter fé na vida. É afirmar que o Direito e a Justiça devem reconciliar-se.

É gritar e proclamar que a violência atinge não apenas a pessoa vitimada, mas toda a humanidade nela contida.

Cuidar da democracia é lutar para que as instituições democráticas sejam preservadas e aperfeiçoadas, como colunas fundamentais do Estado de Direito.

Em termos específicos, cuidar da democracia no Brasil, hoje, significa promover o pleno reencontro da Nação com a sua realidade histórica, com as suas luzes e com as suas sombras.

O Estado brasileiro e o governo do presidente Lula não podem mais adiar a abertura de todos os arquivos da ditadura de 1964.

A impunidade dos que torturaram e mataram centenas de pessoas durante a ditadura, não pode ser mantida.

Nenhuma lei nacional pode contrariar o consenso internacional sobre o caráter imprescritível e inafiançável do crime de lesa humanidade contido na tortura...

Por fim, é essencial agradecer a todos e a todas as pessoas que colaboraram para o sucesso desse curso.

Dermi Azevedo
Presidente da ANG-SP
Coordenador do Curso



www.dhnet.org.br